

assistência

ESTUDO INEDITO MOSTRA QUE SOBREVIDA DE PACIENTES COM CÂNCER
CRESCEU NAS UTIs BRASILEIRAS

Intensidade na medida certa

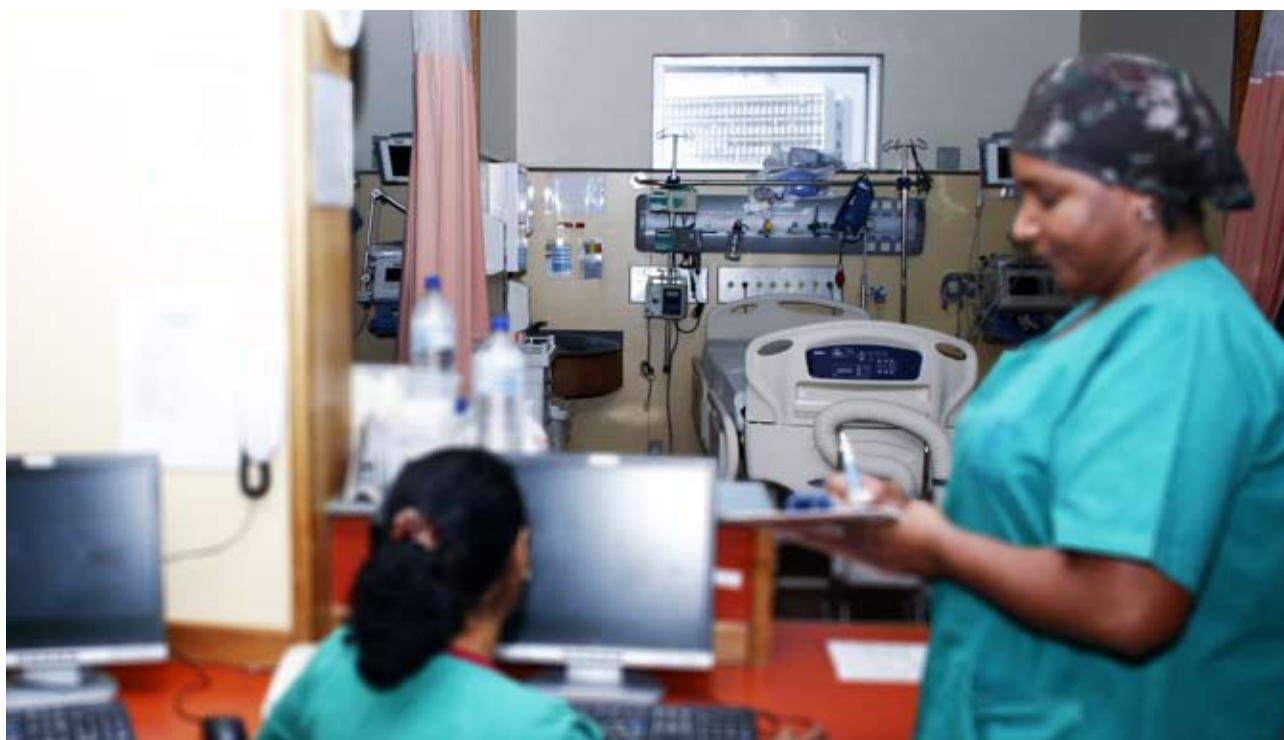


Foto: Gabriel Jabour

Há 20 anos, as perspectivas para um paciente com câncer internado em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) eram pouco animadoras. Entre os casos mais graves, a mortalidade podia chegar a 80%. Um estudo inédito desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Cuidados Intensivos mostra que hoje esse quadro mudou. Num esforço de pesquisa que envolveu 28 UTIs públicas e particulares de 14 estados, os especialistas conseguiram construir um panorama epidemiológico do prognóstico dos pacientes oncológicos internados em UTIs brasileiras e

apontam que a mortalidade caiu para cerca de 30%. Além dessa novidade positiva, outro número surpreendente veio à tona: a cada cinco pessoas internadas em UTIs no Brasil, uma tem câncer.

Segundo dados do DATASUS, existem 43 mil leitos de UTI no Brasil. Essas estruturas respondem por grande volume de internações e consomem de 25% a 50% dos recursos em uma unidade hospitalar. Apesar da relevância no cenário da saúde, existem poucos dados epidemiológicos no país sobre a realidade das UTIs. Por muitos anos, a produção de conhecimento

científico na área esteve restrita a escassos estudos realizados em centros isolados. Quando foi criada, em 2007, a Rede Brasileira de Pesquisa em Cuidados Intensivos, coordenada pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), surgiu motivada a dar um passo à frente, gerando condições para produzir conhecimento que refletisse a realidade epidemiológica da terapia intensiva no país – a exemplo de um processo de organização de redes de pesquisa que ocorreu na Austrália, na Nova Zelândia e no Canadá, para citar alguns dos centros mais avançados nesse campo.

Apenas dois anos após sua criação, a rede conclui como seu produto de estreia uma pesquisa que avalia o prognóstico de pacientes de câncer internados em UTIs com abrangência nacional. É a primeira do tipo no país e, nos últimos dez anos, não existe no mundo estudo com dimensão comparável.

NÚMEROS INÉDITOS DE UMA REALIDADE

A pesquisa acompanhou cinco mil pessoas internadas em UTIs nos meses de agosto e setembro de 2008. Destas, 717 pacientes eram oncológicos. “A rede de atendimento em saúde, especificamente na área de UTI, deve ser planejada considerando-se que cerca de 20% dos pacientes internados serão pacientes com câncer”, afirma Pedro Caruso, diretor médico da UTI Adulto do Hospital AC Camargo, em São Paulo, especializado no tratamento do câncer, que participou do estudo multicêntrico. Com o envelhecimento da população, completa o especialista, a tendência desse número é aumentar.

Além do percentual da presença dos pacientes oncológicos internados em UTIs, a pesquisa investigou se houve melhora na sobrevivência dos pacientes, como já apontavam estudos realizados anteriormente em centros isolados. Para isso, os pacientes foram acompanhados até 90 dias após a alta.

Os médicos intensivistas Jorge Salluh e Márcio Soares, do INCA, que lideraram a pesquisa, informam que pouco mais da metade dos pacientes tinham tumores sólidos e foram internados em UTI para uma monitoração do pós-operatório. Um percentual importante correspondia a pacientes que realizaram cirurgias de urgência. Os demais eram pacientes clínicos, internados devido a complicações diretas ou indiretamente associadas ao tumor – desde pessoas que enfrentavam efeitos da quimioterapia até situações em que uma infecção foi facilitada pela queda imunológica ligada à doença, por exemplo.

De forma geral, em comparação com dados anteriores, em todas as situações o prognóstico apresentou melhora significativa e a mortalidade verificada foi de apenas 30% no conjunto da amostra. O pior prognóstico foi verificado entre pacientes clínicos (58%) em relação a pacientes internados por ocorrência de intervenções cirúrgicas (37%), corroborando um perfil que também é observado entre pacientes que não têm câncer. Segundo Jorge, um importante mérito do estudo é ter conseguido observar, em dimensão nacional, a melhora do prognóstico de pacientes oncológicos, da mesma forma que estudos realizados em centros isolados haviam indicado.

USAR OS DADOS PARA ORIENTAR AÇÕES

O estudo, que está em fase final de publicação em periódico especializado, permite pensar a realidade e também antecipar cenários. Pedro Caruso aponta que as novas informações devem orientar a melhora no atendimento nas UTIs brasileiras. “Esse estudo é como uma fotografia da situação dos pacientes com câncer em UTIs e servirá para que as unidades de saúde se planejem quanto à contratação e qualificação profissional, além de aparelhamento e introdução ou fortalecimento de rotinas que são importantes para esses pacientes”, destaca o intensivista.

Outra importante questão que se coloca é tentar mudar o enfoque médico sobre o paciente com câncer internado em UTI. Afinal, a alta mortalidade verificada duas décadas atrás motivava um debate sobre se seria válido ocupar leitos com pacientes que possuíam chances tão baixas de sobreviver. “Já sabemos que os pacientes se beneficiam, de fato, do tratamento intensivo, não só porque os tratamentos intensivos e oncológicos melhoraram, mas também porque aprendemos a identificar melhor os pacientes que respondem aos tratamentos. Agora, é preciso reduzir o preconceito envolvido na relação com o paciente oncológico”, afirma Jorge Salluh.

Na inquietude que é própria dos pesquisadores, um novo desafio já se descortina. “Agora que sabemos, com base em dados, que a terapia intensiva vale a pena do ponto de vista da sobrevivência do paciente, queremos entender qual a qualidade dessa sobrevivência e qual o impacto global da internação para o tratamento do paciente”, afirma Jorge, antecipando os caminhos que as próximas investigações da Rede podem seguir. |